

escrita 52

guatá - cultura em movimento - setembro de 2018



olhos

Adrielli Ovsiany Becker,
Áurea Cunha, Dieguito, Fralvez,
Lays Furtado, Lalan Bessoni,
Montezuma Cruz, Natália Gavotti
e Yuma Martellanz

palavras

Carina Paccola, Coletivo Mensú,
Daniela Schlogel, Gabriel Cortilho,
Giane Lessa, Jazmín Gutierrez,
José Maschio, Josiane Boucinha,
Julianna Barreto, Mariano L. Lopez,
MagBorges, Márcio Renato dos Santos,
Paulo Bogler, Paulo Jr., Silvio Campana,
Verónica A. Aviléz e Wemerson Augusto



AMBIENTES CLIMATIZADOS

SUQTEL

Pastelaria

Café
Sucos naturais
de frutas e polpas
Chocolate Quente

Doces & Salgados
Lanches
Refeições Rápidas

Pastéis Especiais
preparados na hora

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30
Aos Sábados, até 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

Em Foz do Iguaçu:

L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272

L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101

SUQTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975

Uma preciosa visão para os seus olhos!

ÓTICA CONCEITO

Armações seguras e flexíveis,
com design apropriado
para o seu estilo de vida



AS MELHORES MARCAS EM UMA LOJA PERTO DE VOCÊ!

Lentes Varilux, Hoya, Zeiss, Crizal e Transitions



FOZ: 45 3572-4054 e 99853-7911

STA TEREZINHA DE ITAIPU: 45 3541-2278

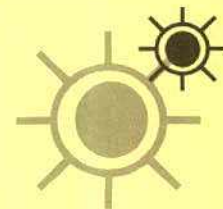
/oticaconceito

oticaconceito2016@hotmail.com



Tudo parcelado em 12 vezes,
em cheque ou cartão, sem juros.
E nas compras à vista, super desconto!

Promoção válida até 31 de outubro de 2018.



'Bikes chinesas', de Wemerson Augusto

A vida bloqueada
instiga o teimoso viajante
a abrir nova estrada

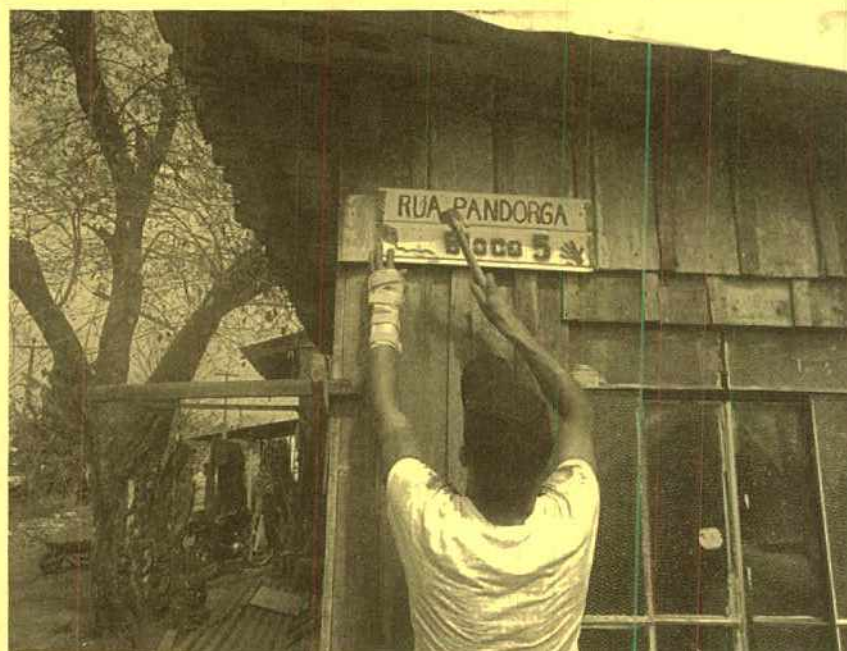
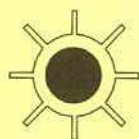
(Desafio)

Helena Kolody



HELENA KOLODY, poetisa paranaense (1912-2004)

WEMERSON AUGUSTO, jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



Agosto de 2015. Morador da Ocupação Bubas, em Foz do Iguaçu, coloca placa de localização com nome de rua escolhida pela comunidade. (Acervo: Paisagens Periféricas)

memória

“Eu tenho endereço e faço parte da cidade”

Maiores ocupação urbana do Paraná, com 40 hectares, o ‘Bubas’ recebeu professores e estudantes da UNILA em 2015, quando contava dois anos de existência – embora alguns moradores estivessem ali há mais de 40 anos. Localizada no Porto Meira, bairro da zona sul de Foz do Iguaçu, a ‘Ocupação do Bubas’, à época, reunia mais de mil famílias. Com o apoio acadêmico, seus moradores passaram a entender que podiam lutar por esse direito a partir de ações dos projetos de pesquisa “Observatório de Remoções” e de extensão “Reestruturação Urbana e Social da Fronteira”.

Uma das primeiras iniciativas foi a elaboração de placas para as ruas da Ocupação, com os nomes selecionados entre indicações dos integrantes da própria comunidade. Também foi confeccionado um mapa com tais referências, incluindo as moradias e os respectivos números. Algo tão modesto, foi como um grito: ‘Eu tenho endereço e faço parte da cidade’.

Mais além do tom simbólico, os novos endereços também deram novas tintas às reivindicações que aquele movimento pelo direito à moradia explicitava. O primeiro deles em relação ao atendimento público de saúde. O outro, a própria demanda jurídica da posse definitiva dos terrenos.

A ação contou com a participação da Escola Popular de Planejamento da Cidade, do coletivo Brigadas Populares e do Ponto de Cultura Comunicação, Saberes e Artes.

TEM NA CINQUENTA E DOIS

Wemerson Augusto e Helena Kolody (03) - Giane Lessa (06) - Montezuma Cruz (07)
 José Maschio (08) - Adrielli Ovsiany Becker (09) - Fralvez (10) - Carina Paccola (12)
 Lalan Bessoni (13) - Áurea Cunha e Paulo Bogler (14) - Marcio Renato dos Santos (18)
 Yuma Martellanz (19) - Coletivo Mensú, Jazmín Rocío, Mariano Lopez
 e Verónica Aviléz (22) - Natália Gavotti (24) - Daniela Schlogel (25) - Lays Furtado (26)
 Áurea Cunha (27) - Aline Torres, Gabriel Cortilho, Josiane Boucinha,
 Julianna Barreto, MagBorges e Paulo Jr. (29) - Montezuma Cruz (30)

Está 'eporanbaite'!

“Oimbaite, eporandunte, eporanbaite!” Confesso que não sei se a grafia tem correção na língua guarani. Mesmo assim resolvi reproduzir nesta edição de setembro - mês de aniversário da Guatá - a frase que nos chegou de forma singela e anônima, escrita em um dos marca-páginas artesanais que circulam dentro dos livros da banca do programa ‘Tirando de Letra’. A curiosidade sobre seu significado me levou até algo aproximado em português à expressão ‘Está tudo contido, tem de tudo e tudo é muito bom!’

Creio que é isso que tenho a dizer do conteúdo desta edição da Escrita, que outra vez reúne a generosidade de colaboradores distintos, tanto quanto diferentes são as linguagens e temas que desenvolveram em suas obras. Imagens e palavras que foram nos chegando aos pouquinhos nos últimos meses e que floresceram na revista, decerto que aproveitando a primavera que também já se anuncia.

A começar pela capa, que estampa uma das fotos da exposição ‘A lo cubano’, da fotógrafa Yuma Martellanz. Direto de Veneza, ela nos enviou uma pequena amostra do trabalho que está em exposição naquela cidade italiana, no

qual retrata sua visita à Cuba, em 2017, depois de velejar pelo Atlântico. De forma sensível, a artista revela um pouco da alma daquele país.

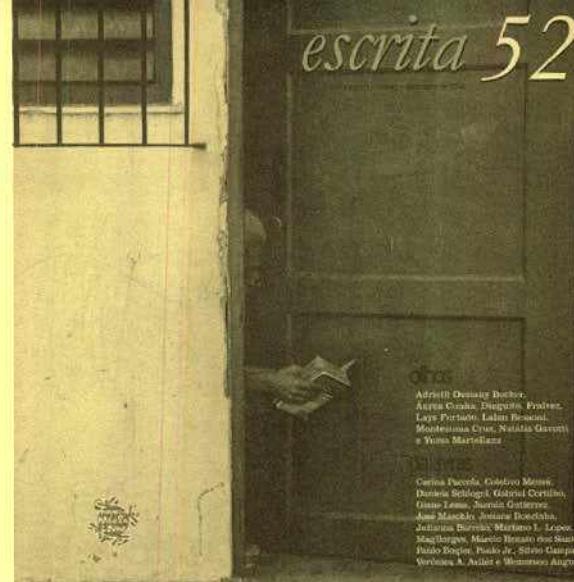
Ainda no espaço das imagens, temos a participação de duas figurinhas carimbadas da Escrita: o iguaçuense / paulistano Lalan Bessoni e a argentina / curitibana Natália Gavotti. Somando-se à qualidade dos dois, temos a estreia do traço de Fralvez. De São Paulo, ele nos presenteia ilustrações falando do tempo presente. Vale conhecer. Completam o time dos ‘olhos’, fotos de Áurea Cunha, Lays Furtado, Montezuma Cruz, Wemerson Augusto e Adrielli Becker.

Já no time das ‘palavras’, um tantinho de gente emprestou sua verve pra mais pessoas se emocionarem. Em prosa e em verso - alguns dizendo em português, outros em espanhol, portunhol e até em jopará - possibilitaram que esta edição garantisse a nossa principal característica que é a mistura.

Ficou bom. E como disse lá em cima, hay de todo e tudo muito bonito. Esta edição está, digamos, modestamente, eporabaite!

Boa Leitura!

 Silvio Campana



Adrielli Ovsiany Becker,
 Áurea Cunha, Ingrida, Protes,
 Lays Furtado, Lalan Bessoni,
 Montezuma Cruz, Natália Gavotti
 e Yuma Martellanz

Carina Paccola, Coletivo Mensú,
 Daniela Schlogel, Gabriel Cortilho,
 Giane Lessa, Jazmín Rocío,
 José Maschio, Josiane Boucinha,
 Julianna Barreto, Mariano Lopez,
 MagBorges, Marcio Renato dos Santos,
 Paulo Jr., Silvio Campana,
 Verónica Aviléz e Wemerson Augusto

escrita



Escrita

é uma publicação
da **Associação Guatá**
- Cultura em Movimento -,
entidade de finalidade cultural,
sediada
em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem
necessariamente a opinião
da entidade ou dos editores.

Conselho Editorial:

Carlos Luz, Kariny Wermouth,
Paulo Bogler, Richard de Souza
e Silvío Campana

Editor:

Silvío Campana
Mtb 20572 - 3023/11131

Revisão: Carmen dos Santos
Projeto gráfico: Silvío Campana

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal

Tiragem: 2 mil exemplares.
Circulação dirigida



Guatá
cultura em movimento

Visite:

www.guata.com.br
facebook: guata foz

Contate:

guata@guata.com.br

epidemiadepoesia

(Com Giane Lessa)

Correr,
correr

seguir corriendo

Com las víceras en las manos
Desordenadamente amparadas

Sin ajos

y sem bugalhos

Sin pensar la sangre

Sin pensar caliente

Non sente

não sinto

No soy inocente

Apenas llevar

as vísceras em las manos

Sem direção

Retorno

à terra

Retorno

à casa

(Homenagem a Garcia Marquez)



GIANE LESSA é poeta, tradutora,
doutora em Memória Social,
professora universitária.



I feira

Fotografia de MONTEZUMA CRUZ,
jornalista em Porto Velho, RO



escrita

Na hora mais fria do dia

De como surgem as lendas!

Foi na hora mais fria do dia que ela o possuiu. E foi na hora mais fria do dia que ele foi embora. Carmem de Los Rios ficou desolada. Mas não chorou. Uma de Los Rios não podia chorar em Caacupé. A terra da virgem padroeira de todo Paraguai. E em Caacupé, uma de Los Rios só perdia a virgindade após passar pela Igreja, a Santa Igreja Católica.

Carmem não chorou, mas tratou de ir embora o mais rápido possível. Fugir, que uma de Los Rios não poderia ser motivo para fofocas das velhas guaranis que se reuniam nos solares das igrejas para resenhar os acontecidos do dia.

Na hora mais fria do dia, quando a Terra é acariciada, despidoradamente acariciada, pela Lua. Na hora mais fria do dia quando o Sol, dorminhoco, deixa a Terra aos cuidados lésbicos da Lua. Enquanto dorme, o Sol deixa a Terra em descompasso, sem saber o que quer da vida. Não é por acaso que a devassidão acontece nas madrugadas, especialmente na hora mais fria do dia.

Carmem de Los Rios, 35 anos depois de deixar Caacupé, contava aos netos _um menino de olhos claros e duas meninas amendoadas nos olhos pela herança guarani_ sobre o ménage entre Sol, Lua e Terra. Para espanto e admoestações do genro alemão. Mas Carmem não se importava com o genro. Sabia ela que o desejo e a devassidão não são privilégios dos nativos. Criados no erótico clima dos trópicos. A devassidão é um desejo humano, refreado a muito custo por regras, normas e

leis. O mesmo desejo que permeia as relações humanas em todos os continentes.

Na verdade, era intenção de Carmem, uma obsessão dela, contar aos netos sobre aquele homem que foi possuído por ela, trinta e cinco anos antes em Caacupé. E que era avô dessas crianças. Um avô imaginário, que nunca iriam conhecer. Um pai também imaginário para a filha, que nem mesmo uma foto desse pai tinha. Em Caacupé, a lenda era que Carmem de Los Rios havia concebido uma criança branca, ungida pelo espírito santo.

Mas não era um salvador, sim uma santinha de olhos claros, mas amendoados pela herança materna. Na dúvida, o patriarca de Los Rios tratou de ordenar a construção de uma capela na entrada da estância e determinou rezas e ritos aos sábados. Os agregados e escravos gostaram da medida do patriarca. Junto com a obrigação de comparecer aos ritos religiosos, tiveram folga semanal também aos sábados.

E foi assim que os agregados e os escravos dos Los Rios, o chefe político, jurídico e executivo de Caacupé instituíram, em pleno século 19, a semana com cinco dias de trabalho. Os escravos e agregados de todo Departamento de Cordillera invejavam a sorte de seus semelhantes da capital. Pois só em Caacupé a semana se resumia a cinco dias de trabalho. E, no íntimo de cada um, sonhavam que a hora mais fria do dia propiciasse uma sorte dessas a eles. ☀



JOSÉ MASCHIO é escritor e jornalista em Cambé, Pr.

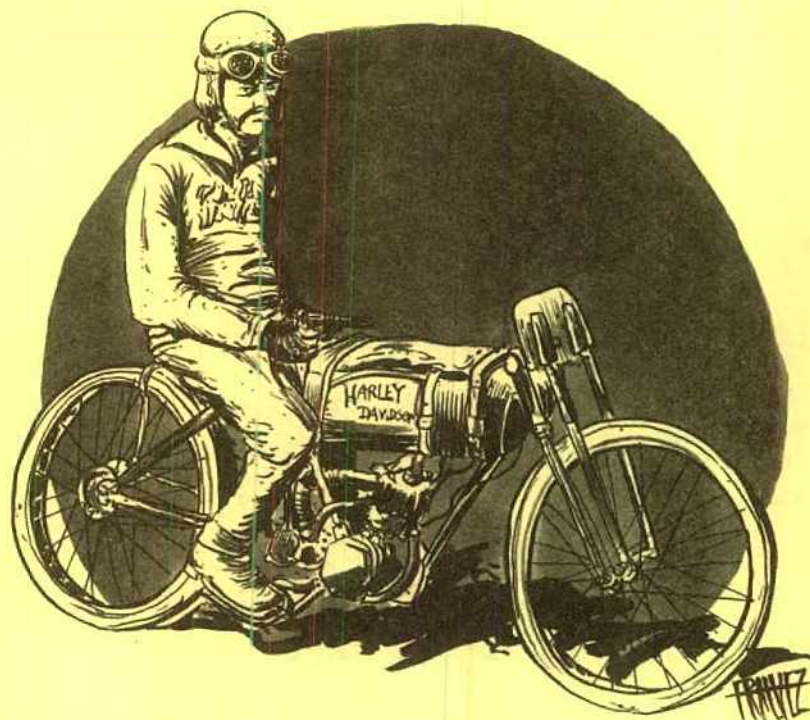


viajante

Fotografia de ADRIELLI OVSIANY BECKER,
educadora física em Foz do Iguaçu, Pr.



1



2

Preto no branco.

As trilhas urbanas. Os assuntos da virtualidade. A acidez da vida contemporânea e luta por existir neste caldo contemporâneo. É essa engenharia que move o olhar e os traços de Fralvez..

1 - Afro, 2 - Harley, 3 - Mfdoom,
4 - Fakenews, 5 - Space Monkey,
6 e 7 - Hadouken e Molotov



3



FRALVEZ é ilustrador em São Paulo, SP.
Contatos: @fralvez



Áurea Cunha fotografias

- Retratos
- Reportagens
- Publicidade
- Filmagens
- Tratamento
- Edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br
facebook: aureacunha.fotografia

Sigilu's

CONTABILIDADE
E ASSESSORIA LTDA.



Consultoria
e assessoria
em serviços
contábeis

Fone: (45) 35235886
sigiluscontabil.com.br

Rui Barbosa, 361 - Centro
Foz do Iguaçu / PR

uma crônica de carina paccola



A mãe, o menino e o futebol

Sou palmeirense por herança paterna. Raramente assisto jogos e não entendo nada de futebol. Gosto de palpar só para provocar meus amigos corintianos. Somos em 3 irmãos palmeirenses, 3 santistas e uma não-torcedora. Quando meu filho nasceu, havia decidido que deixaria que ele escolhesse o time por si mesmo. Afinal, o pai dele é santista e imaginei que ainda assim estaria tudo em casa.

Mas então a Lurdes veio trabalhar em casa. E ela era corintiana. Vez ou outra, percebia umas investidas dela na tentativa de tornar meu filho um corintiano. Mas ele já era um palmeirensinho. Ele tinha lá pelos 3 ou 4 anos quando, durante um almoço, ela apelou para que ele torcesse para o Corinthians num jogo que haveria no domingo seguinte. Eu reclamei. Ela explicou que não era um jogo contra o Palmeiras e que então o menino poderia torcer pro Gambá quando não fosse contra o Porco. Então, perguntei se nos próximos jogos do Palmeiras, que não fossem contra o Corinthians, ela iria torcer pro Verdão. Como boa corintiana, e sincera, ela respondeu que não. Então, eu expliquei que o menino não iria torcer pro Corinthians nunca. A ideia era que ele fosse livre, mas se alguém fosse influenciar, então influenciaria eu, que sou a mãe, oras!

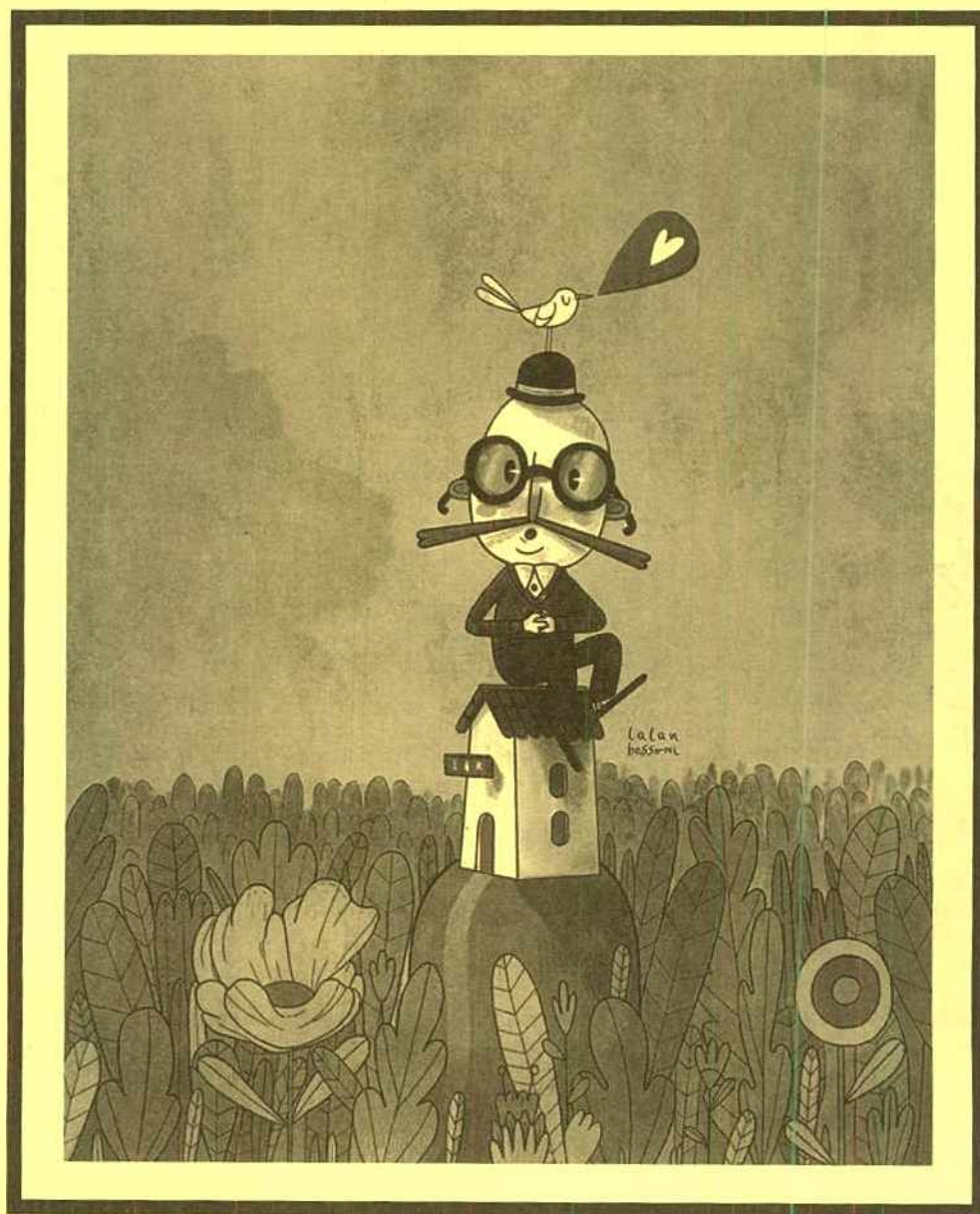
Quando ele tinha uns 9 ou 10 anos, teve uma fase flamenguista que, graças a Deus ou ao Ganchão, foi passageira. Logo ele voltou ao Palmeiras.

O menino sempre gostou muito de futebol e desde pequeno assistia aos jogos do Londrina, no Estádio do Café e no VGD. Aí, quando virou adulto, um dia ele me comunicou que não era mais palmeirense e, sim, Londrina Esporte Clube. E o meu coração verde e branco vibrou. O menino foi bem encaminhado. E viva o Tubarão!



CARINA PACCOLA é jornalista em Londrina, Pr.
Texto reproduzido do blog 'Escarafunchando a vida'.

Olhos



primaveril

Desenho de LALAN BESSONI,
ilustrador em São Paulo, SP.

Festival Auê Literário lança duas publicações com textos de estudantes dos colégios Cataratas do Iguaçu e Costa e Silva

Palavras em movimento

Com festivais de cultura e arte nos colégios Cataratas do Iguaçu e Costa e Silva, a Associação Guatá concluiu em agosto a programação do Festival Auê Literário, ação de formação e incentivo à leitura, escrita e expressões. Foram lançadas duas novas publicações com textos de ficção dos estudantes participantes do projeto.

Colégio Estadual Cataratas

Texto: Paulo Bogler / Fotos: Áurea Cunha e Paulo Bogler

O Auê mobilizou alunos, professores e funcionários. Os eventos reuniram exposições de fotos e poesias, bancas literárias, produção de textos, oficinas e show musical com o grupo O Samba é Assim. Os textos próprios dos estudantes também ganharam exposições em cada instituição de ensino.

Nos colégios Cataratas do Iguaçu e Costa e Silva, os participantes do projeto atuaram como monitores, apresentando e explicando aos colegas as atividades e materiais expostos durante os eventos culturais. No Costa e Silva, os alunos também fizeram a cobertura colaborativa do festival, realizando o registro fotográfico.

No Colégio Cataratas do Iguaçu, no bairro Três Bandeiras, o

Auê Literário ocupou a quadra de esportes com arte e literatura. Em meio às atividades, a estudante do ensino médio Camila Cordeiro apresentava seus textos publicados na revista literária do projeto. “Não escrevia ficção e nunca tive meus textos publicados antes. Deu muito orgulho”, revelou.

No Colégio Costa e Silva, no Jardim América, a escola movimentou as turmas de alunos para participar do Auê Literário, que ocupou o saguão. A estudante Gabriele Norato disse que ficou feliz e orgulhosa de ver seu texto publicado, e contou que o projeto da Guatá revelou outra vocação. “Quero muito fazer e estudar fotografia. É uma coisa que me deixa viva e que não tinha percebido até então”, apontou.



Colégio Estadual Cataratas



Colégio Estadual Costa e Silva



Gabriele Norato:
'Fotografia é uma coisa
que me deixa viva
e que não tinha percebido
até então'



Camila Cordeiro:
'Nunca tive meus textos
publicados antes.
Deu muito orgulho'



Auzeni Wust:
'Pude perceber o resgate
da oralidade e a alegria dos alunos
de falarem de suas infâncias.'

Escola, espaço de arte e cultura

Diretora do Colégio Cataratas do Iguaçu no período noturno, a pedagoga Auzeni Maria de Lima Wust destacou as atividades do projeto que valorizaram a oralidade e as histórias individuais de cada aluno. Ela também frisou a integração proporcionada pela iniciativa no ambiente da escola.

"Pude perceber o resgate da oralidade, a alegria dos alunos em falar das suas infâncias, seus sonhos, sabores e cheiros", apontou Auzeni. "Eles tiveram a oportunidade de contar momentos de alegria compartilhados com seus avós e pais quando ainda eram crianças", disse.

A educadora reforçou a importância do diálogo entre arte, cultura e educação de forma permanente. "Como pessoa e professora, só tenho a agradecer ao projeto. Como cidadã desejo que as atividades da Guatá sejam levadas para outras instâncias, a outras escolas", ponderou.



Colégio Estadual Costa e Silva



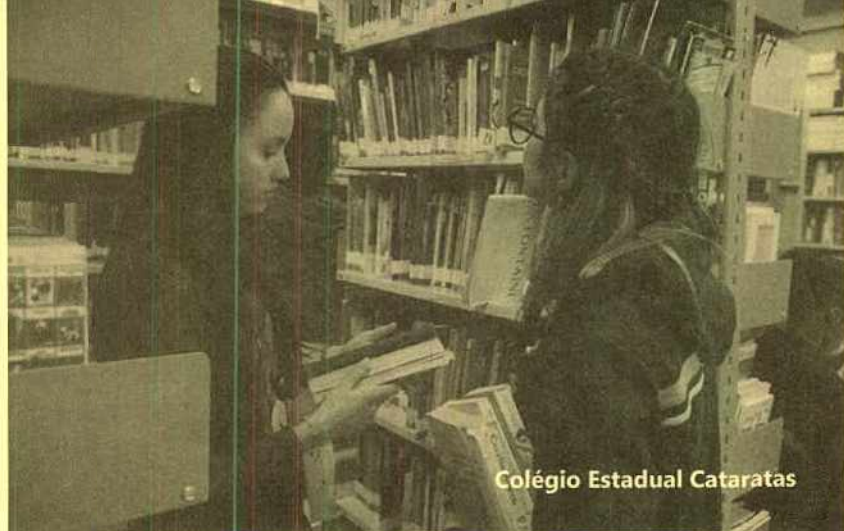
Colégio Estadual Cataratas



Colégio Estadual Costa e Silva



Colégio Estadual Costa e Silva



Colégio Estadual Cataratas

Escola pública aberta

Para a professora Aline Torres, do Colégio Costa e Silva, o Auê Literário compartilhou uma visão diferente sobre a leitura e a escrita, que complementa os conteúdos trabalhados em sala de aula. “É fundamental esse tipo de projeto na escola pública. Os alunos observaram coisas que somente dentro dos muros da escola não conseguiriam”, frisou.

A educadora ainda ressaltou as mudanças verificadas com a realização do projeto. “Passou a ter uma interação muito maior entre a turma. Os alunos passaram a se conhecer, o que antes quase não existia”, relatou Aline. “Nossos estudantes também se reconheceram como escritores, o que nem eles tinham se dado conta antes”, concluiu.



Aline Torres, à esquerda na foto, recebendo livro artesanal contendo trabalhos executados por seus alunos: ‘É Fundamental esse tipo de projeto na escola pública’.



Colégio Estadual Cataratas



Colégio Estadual Cataratas



Colégio Estadual Cataratas



Mais leitores

Agente educacional responsável pela biblioteca do Colégio Cataratas do Iguaçu, Diego Valdez relatou que percebeu maior envolvimento dos estudantes com a leitura. Ele explicou que o equipamento é bastante acessível e aberto aos alunos, mas que identificou maior procura por livros e pela carteira necessária para a retirada de publicações.

“O Auê despertou nos alunos uma curiosidade que nem sempre demonstram. Eles começaram a olhar a biblioteca com mais interesse”, destacou Diego. “Observei que aumentou o número de leitores e de estudantes que fizeram a carteirinha da biblioteca escolar”, revelou.

Auê Literário



O Festival Auê Literário é promovido pela Associação Guatá, em parceria com educadores e escolas públicas, mediante patrocínio da Itaipu Binacional. O projeto foi realizado nos colégios Cataratas do Iguaçu, Costa e Silva, Flávio Warken e Gustavo Dobrandino da Silva, todos da rede estadual de ensino.

Em cada escola, foram quatro oficinas de formação de leitores, criatividade, escrita e expressões, acompanhadas de workshops. O Auê Literário pontuou a conclusão do projeto em cada instituição. No evento cultural, foram apresentadas a revista e a exposição literárias com material dos estudantes participantes.

Para saber mais sobre o Festival Auê Literário acesse www.guata.com.br.



Mais laiquis

“Avida é um problema.” Encontrei a frase no Facebook, há alguns minutos. Não sei quem é o autor, mas a afirmação define a minha vida agora: um imenso e aparentemente insolúvel problema.

Fui convidado pra escrever um conto, e aceitei. Tenho que entregar o texto daqui a sete dias. Será publicado numa edição de domingo no caderno de pensatas do maior jornal do país.

Outro escritor, talvez, fizesse de tudo, ou quase tudo, para receber o mesmo convite, seja pelo reconhecimento, pela repercussão ou por causa do cachê — são mais de quinhentos dólares.

No meu caso, não é falta de inspiração, tempo ou bloqueio.

Sou citado, e respeitado, por professores de letras, jornalistas e escritores. Tenho três livros, sucesso de crítica, incluindo prêmios literários. Quem frequenta livrarias já folheou, comprou e talvez até tenha lido algum dos livros que traz o meu nome na capa.

Mas eu não sou o autor das obras.

Participo de mesas e bate-papos e os autores e as pessoas que frequentam esses eventos me elogiam. Dizem gostar do que eu escrevo e, principalmente, admiram a minha conversa. Mas falar qualquer um, ou quase qualquer um, fala. Leio jornal, revista, até livro eu leio. E por causa disso, da leitura, tenho repertório: basta repetir aquilo que eu li.

Faz dois ou três anos, comecei a desconfiar que alguns escritores não escrevem. Tem um que sempre aparece com roupas coloridas, penteado impecável e sorriso permanente. Como é o nome dele? Duvido que tenha escrito uma linha. E aquele que participa de mais de cinquenta, sessenta, setenta eventos por

ano? Também não lembro o nome. Recebeu prêmios, mas não acredito que seja escritor. Até por que vive em festas, mesas e encontros literários. Em que momento do dia, da vida, ele escreve?

E aquele baixista, ou tecladista?, de uma banda de rock? A minha editora contou e pediu sigilo: ele paga para um escritor fazer a revisão, mas o escritor reescreve tudo.

Mas, agora, essas histórias não me interessam. Preciso resolver o meu problema. Tenho que entregar um conto e o Aurélio viajou. Ele é o escritor que escreve tudo o que é publicado com o meu nome. O Aurélio pediu um tempo e avisou que não vai acessar e-mail e estará sem celular. Disse que precisa de descanso.

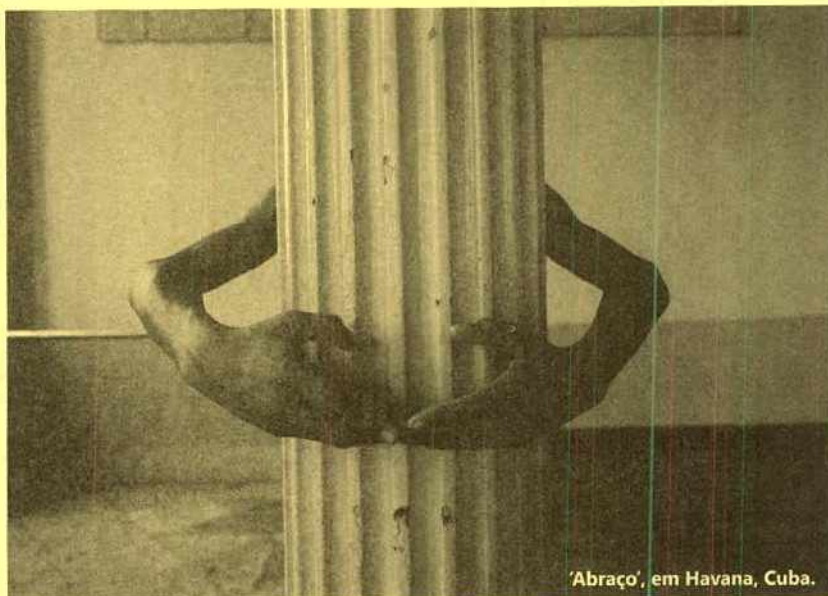
Eu não deveria trabalhar apenas com ele. Talvez fosse mais sensato ter dois ou três escritores produzindo pra mim. Mas, tenho que admitir, o Aurélio é acima da média, tem ideias, energia e consegue realizar o que o cliente precisa — ele não escreve apenas pra mim. Se a tendência do mercado, e dos prêmios literários, é experimentalismo, prosa poética ou recriação de um episódio histórico, o Aurélio sabe como e o que fazer.

E se eu procurar um livro de um autor estrangeiro, pouco conhecido, e copiar um conto? Seria fácil, talvez ninguém percebesse, mas tenho preguiça de fazer a pesquisa e, depois, digitar.

Vou beber, muito, e dormir. Numa dessas, amanhã encontro alguma solução ou procuro, não um desses redatores que fazem sucesso no meio literário, mas algum escritor, um prosador de verdade, sem reconhecimento. Tem muito pé-rapado talentoso por aí. Basta oferecer uma graninha. É isso. Vou comprar um conto.

Afinal, mais do que o conto, o que me interessa é compartilhar no Face o link do texto publicado no jornal. É que preciso de laiquis, de muitos, muitos laiquis pra sorrir e me sentir feliz, muito feliz. ☀





‘A lo cubano’

Yuma Martellanz expõem aspectos do cotidiano que vivenciou em Cuba.

A italiana **Yuma Martellanz**, formada em Belas Artes, é fotógrafa e navegadora. Já esteve visitando Foz do Iguaçu anos atrás, quando fazia um giro pela América do Sul. Deste fato surgiu uma sua proximidade com a Guatá e a revista Escrita, da qual virou colaboradora.

Em 2017, ela e a família velejaram de Barcelona, na Espanha, até o Caribe, visitando vários países da América Central. Do registro fotográfico que fez de sua estada em Cuba é que nasceu "**A Lo Cubano**", exposição que recentemente a fotógrafa inaugurou em Veneza, na Itália, por ocasião de um festival de artes chamado "Fuori Luogo".

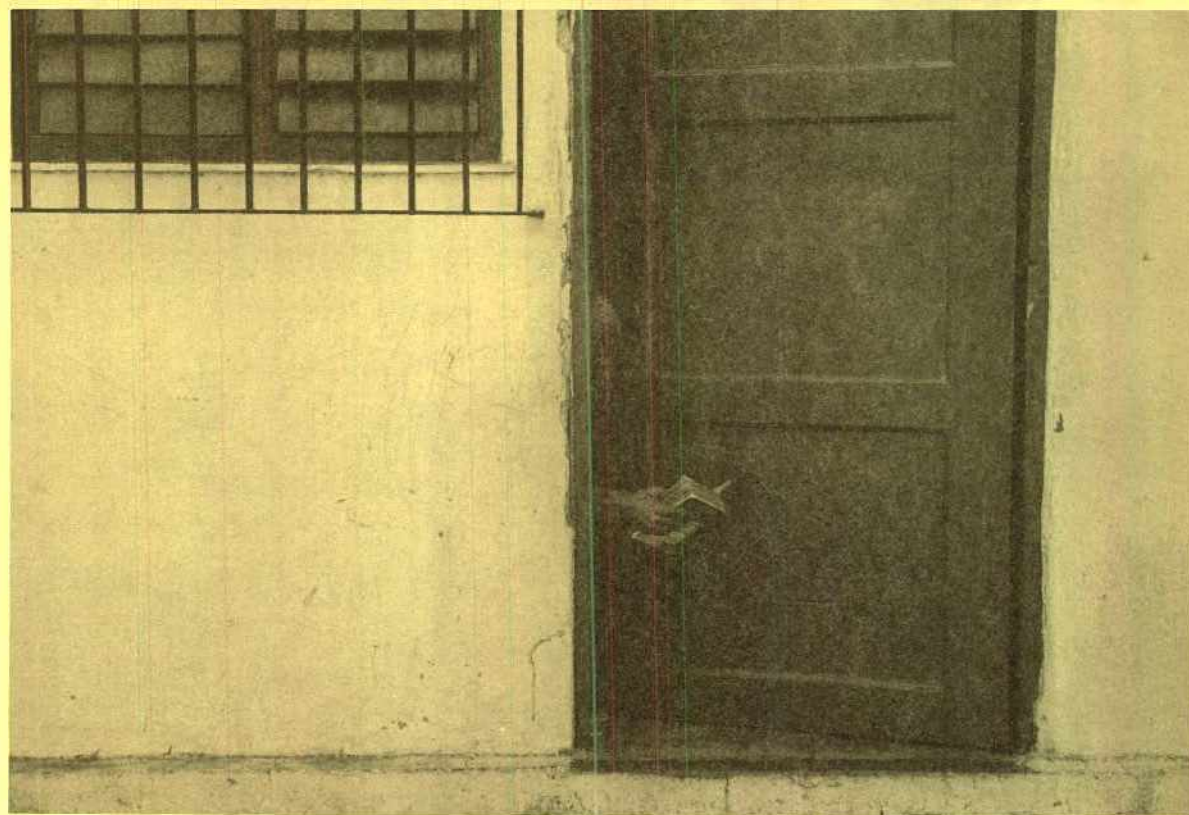
A exposição sobre Cuba, segundo a fotógrafa, tem vários significados ao mesmo tempo. 'É uma maneira de dizer, é uma forma de buscar a vida com pequenos recursos, é uma identidade e é o retrato de uma Cuba dos grandes contrastes. Um país orgulhoso de sua história que nos dias de hoje se encontra um pouco confuso em relação a ideia de futuro', diz Yuma.

‘A Lo Cubano’ faz parte de um projeto fotográfico mais amplo, que envolve as histórias vividas por Yuma navegando com Giorgio (marido) e o filho Leone. Experiência essa, aliás, publicada em edição passada da revista Escrita com o título ‘Aventuras de Leones’ e que o leitor pode encontrar em <http://www.guata.com.br/2017/06/07/aventuras-de-leone/>.



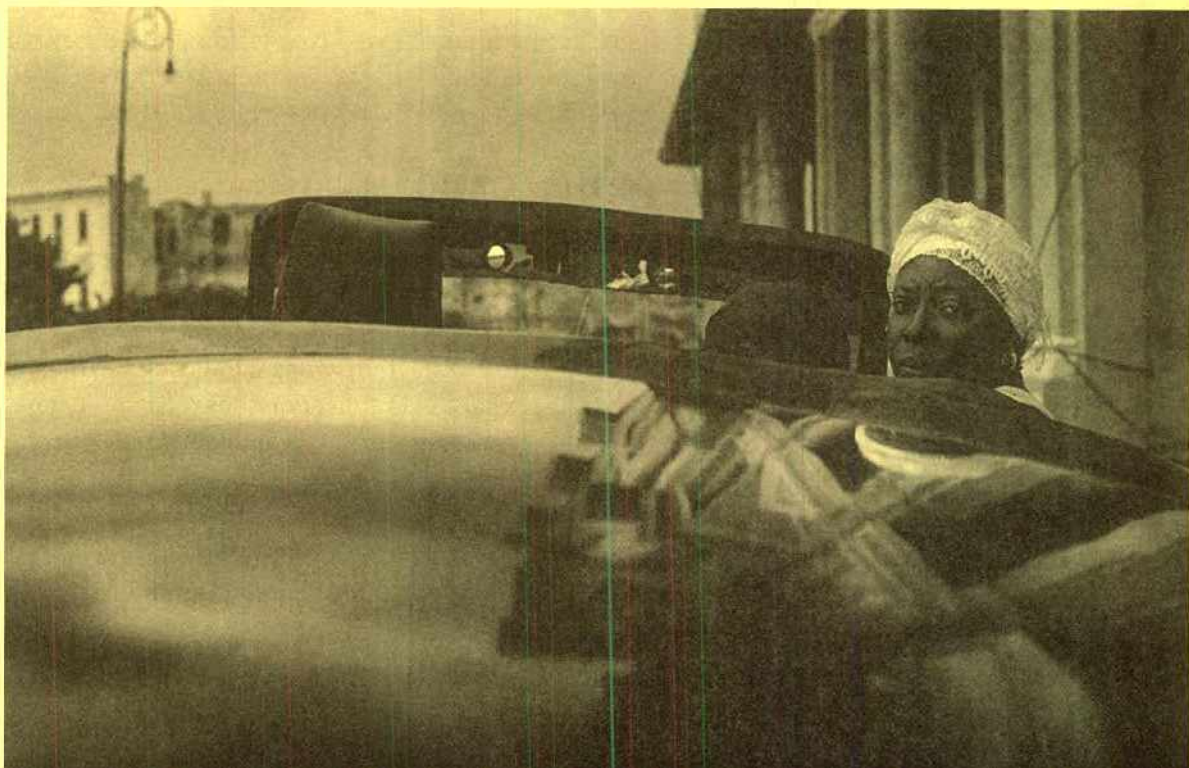
yuma martellanz

'A Lo Cubano'



'Leitor, em Havana' (acima). 'Curandeira' (abaixo).

À direita, em sequência, a partir do alto da página: 'Com Fidel e a revolução' até que não se seque o 'Malecon'.
'Sem título'. 'Escola Nacional de Ballet, Havana', 'Reparos de guarda-chuva', 'Na Escola de Ballet' e 'Cavaleiro em Trinidad'.
Fotos de Yuma Martellanz



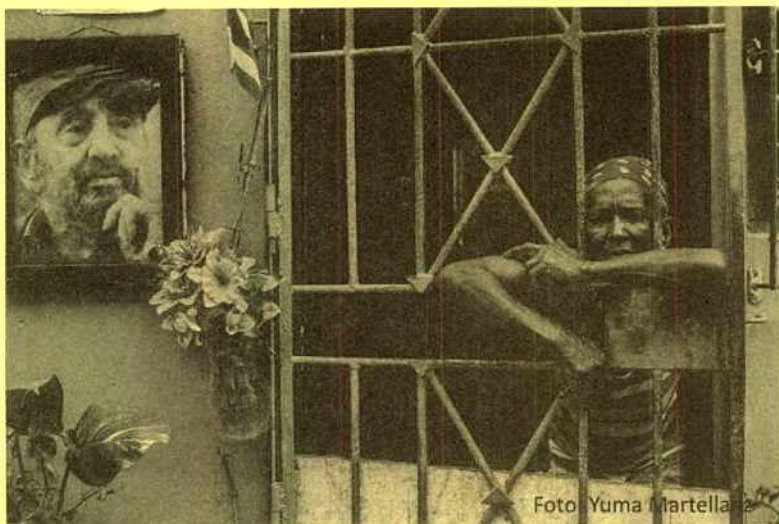


Foto Yuma Martellanz

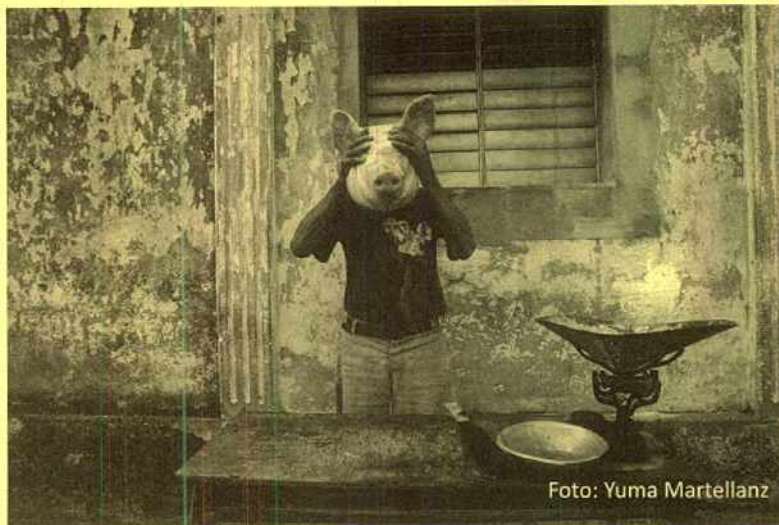


Foto: Yuma Martellanz

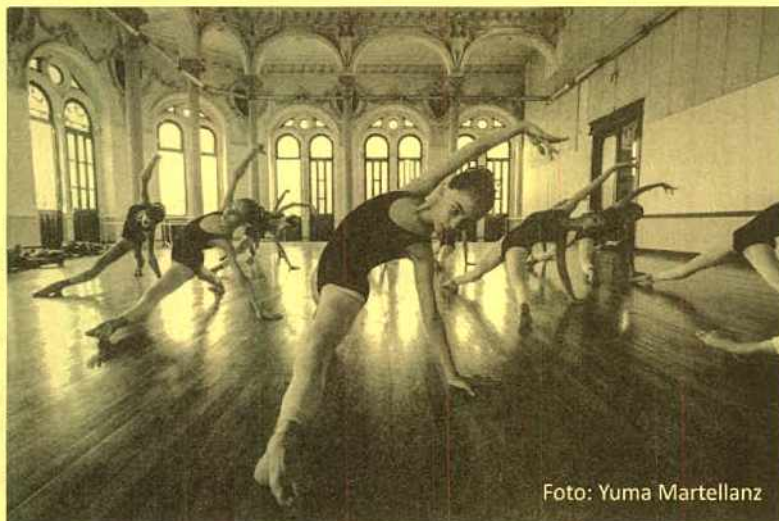


Foto: Yuma Martellanz

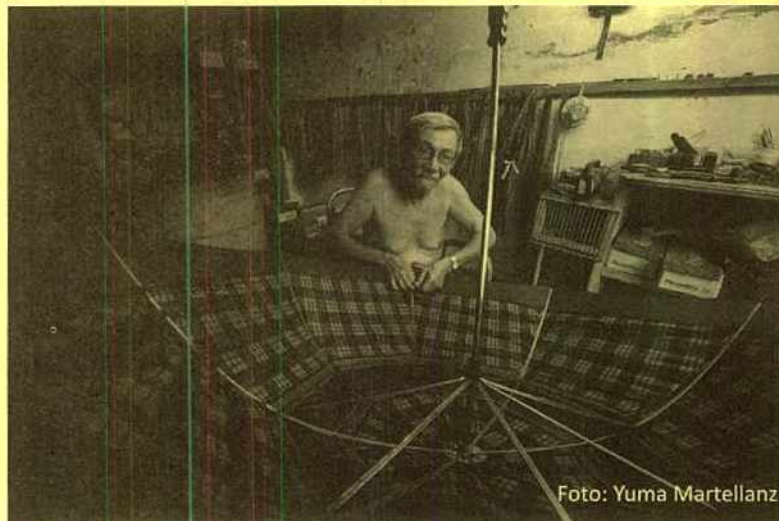


Foto: Yuma Martellanz

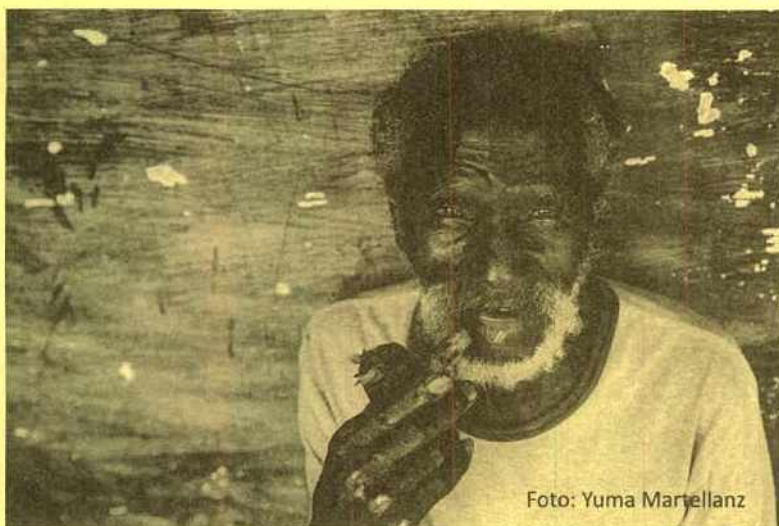


Foto: Yuma Martellanz



Foto: Yuma Martellanz

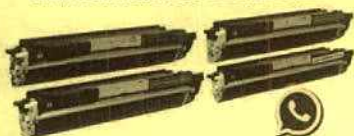
RECARGA DE TONERS
E CARTUCHOS
PARA IMPRESSORAS

CARTUCHOS
REMANUFATURADOS
E ORIGINAIS

MANUTENÇÃO
DE IMPRESSORAS

Tânia Lima

Cel. 99138.2498 99910.9422



(45) 99844.3652

Foz do Iguaçu - Paraná
taniaxavier_lima@hotmail.com

CURSO DE INGLÊS

Aulas dinâmicas e criativas
com a duração de 1 h 30 cada.

Turmas para:

Crianças,
Jovens
e Adultos.

Aulas no
**Teatro
Barracão**

Módulo I:
Nível iniciante/básico

**99823-6523 Inscrições
3901-3206 abertas!!!**

Nora,

Nunca pensé que en una frontera el amor me sobara el rostro, mientras te veía pasar con una cerveza en la mano. En ellas el mundo cava a los de "color", doblega el orgullo y exagera la voluntad, por ello nunca pensé que tuviesen resquicios para aspectos que traspasan el tiempo y el espacio. Desde hace años me escondí detrás del pino del miedo y en medio de una alameda de excusas me fuí sembrando para no caer y nacer en tierras con apariencia fértil. Entonces tú sonreíste aquella noche de septiembre y el mundo me empezó a parecer un manojo de margaritas y girasoles, de begonias y alelís, enarbolando el terreno de unos sentimientos que creía baldíos. Durante días, el deseo de recoger flores hawaianas para hacerte un collar que adornara tu pecho, tomarte de la mano e invitarte a correr en dirección a la playa que bordeara el mar del "Para siempre", se fue convirtiendo en un propósito tranquilo que anhelaba para nosotros, sin embargo volví a merodear el sitio y las calles aledañas al mismo, a ver si volvíamos a coincidir en ese lugar que la frontera había reservado para los dos y no volví a hallarte. De nuevo ella volvió a ser cual Mamba Negra que envenena varios músculos de esperanza y ser inmigrante continuaba y continua siendo un peso.

(Cartas de un Joyce que no era Joyce, para una Nora que no era Nora)

Um conto de VERÓNICA ACUÑA A.



JAZMÍN ROCÍO, paraguaia, poeta e tradutora, vive em Assunção, PY.

MARIANO LANZA LOPEZ é uruguaio
e VERÓNICA ACUÑA A., colombiana.

Os dois estudam Letras, Artes e Mediação Cultural em Foz do Iguaçu, Pr.

O COLETIVO PARANÁ MENSÚ é formado por jovens
que atuam na fronteira trinacional, especialmente em Ciudad del Este, PY.

epidemia de poesia

en espanhol

Las patas de mi gato

Las patas de mi gato, se meten
cuando caminan
Son huellas en falso
como lágrimas que no caen

-
Sí, no caen
pero caminan, pero
Se mudan
Uñé

-
Olvidan pasados, ipohýi
Cagando futuros,
De presente.
Cagan y esconden
Cagan y esconden
Cagan y esconden
Mi gato, Jhon

... se fugó.

No sé guarani

Atî

Ni de vocabularios

Ni de formas

Atî,

Guyra i sem asas

Patior

Dos veces la sangre de la lagrimita,
el caleidoscopio de las horas de los días/
Se multiplican mis futuros posibles
¿por dónde soy en la otra altura del río?
Sueño que me veo gris
con un hacha partiendo el cuarzo de mi pecho-
Sueño también que me veo ocre
envejeciendo al café con mi demora.
¿Habré deducido bien el peso de mi mano?
Dos veces siempre la sangre de la lagrimita:
elegir es una brusca obstrucción
de todo el resto de las pasiones posibles.

MARIANO LANZA LOPEZ

Cadáver Colectivo I

Y así de golpe, amamos y nos acunamos
en unos ojos que son de paraíso
entonces... su alma se encendió con viento
imponente

es hermoso conocer tu poesía
en una tarde de sol solo yo sé lo que pienso
¡se sentía perdida, hasta que el arte la encontró!
en medio de todo y nada a la vez,

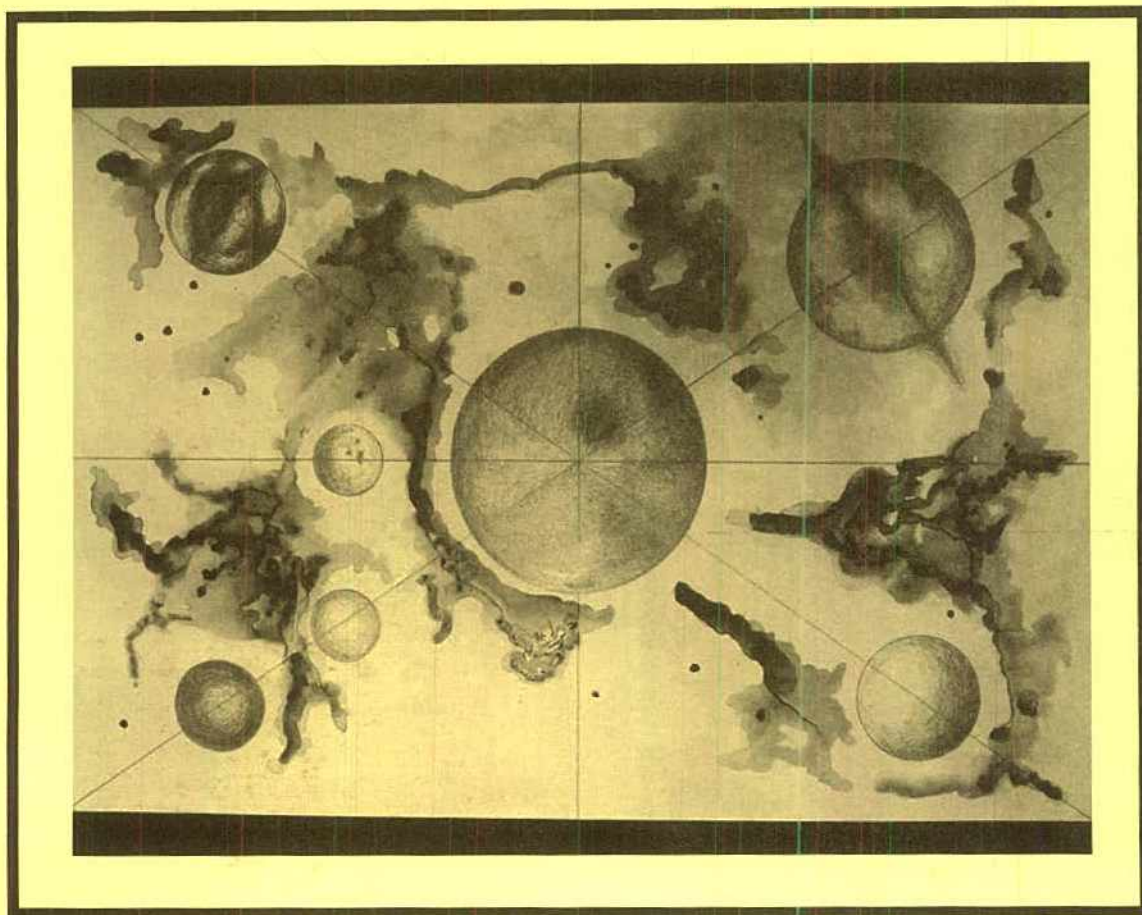
buscando todo y teniendo casi nada
he extendido mis alas,

en ellas he sentido el viento,
las nubes con suave brisa,
las ha empapado de sueños
en el cementerio de nubes sin lápidas,
colores o apellidos

y aunque no sepa nada,
sé que ahora respiro libertad con personas libres
intentando encajar, pretendemos cambiar
y adecuarnos fingiendo felicidad
con ternura, emancipándome de miedos
y dolores antiguos y recientes
el tiempo que "perdimos" no fue perdido, amor.
Nos mintieron.

Ese tiempo nos perdió a nosotros
en este tiempo de amor
al borde de un lago que inunda y ahoga
a la república para ser placenta de la mujer
y el hombre nuevos
lo que negamos nos aprisiona,
seres traslúcidos de alma tornasol.

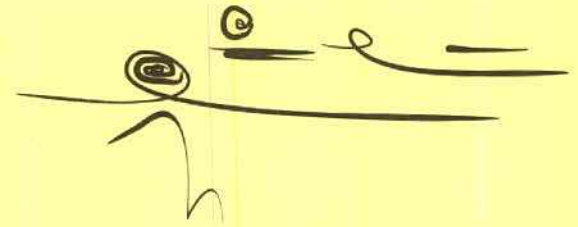
COLETIVO PARANÁ MENSÚ



everyday universe v8.1

Desenho de NATÁLIA GAVOTTI,
artista visual em Curitiba, Pr.

A crônica de uma crônica



Será que todos os filmes de ficção científica são sobre amor? Em "Passageiros" estão todos adormecidos propositalmente em uma nave que viajará 120 anos e chegará um outro planeta para uma nova vida, só que no meio do caminho uma das cápsulas que mantém os passageiros adormecidos falha e ele acorda muito antes do tempo. Como não pode voltar a dormir se dá conta de que passará o resto da sua vida sozinho nesta nave porque quando a nave chegar no destino ele já terá morrido. Depois de um ano sozinho analisando os perfis dos outros passageiros para se distrair ele se apaixona por uma moça adormecida e decide fazer a capsula dela parar de funcionar. Ele a condena ao mesmo destino dele mesmo. Ela acorda, se apaixona, ela descobre o que ele fez, fica furiosa, mas ao se dar conta de que a nave pode cair o amor prevalece.

Agora vejamos, nesta vida em algum momento nos damos conta de que o caminho é bem longo e que nós somos finitos, passaremos a vida inteira aqui indo para algum lugar em que nunca vamos chegar. Uma das coisas que nos distraem desta longa jornada um tanto entediante são nossas interações sociais. Entre estas interações, aquelas mais interessantes e que mudam a forma com que contamos o tempo são as que se referem a encontrar pessoas que nos tiram o ar, nos deixam meio tontas e com uma curiosidade intensa sobre alguém e ao mesmo tempo sobre nós com esse alguém.

O personagem que acordou primeiro na nave, se deu conta disso mas se apaixonou por alguém que não tinha se dado conta. Ele se apaixonou por alguém que não deveria, e passou a viver o conflito moral de mostrar seu amor e envolver essa outra pessoa em uma experiência sem volta ou não. Provavelmente ele tinha algum compromisso social sagrado pela sociedade que o impediria de viver esse amor. Porém quando ele se deu conta da chatice da existência e de como esses compromissos sociais são mais sociais do que essenciais e ele se jogou de cabeça. Ele provocou o despertar da amada, seu segundo sol, e agora ela que não pode mais voltar a dormir, assim como o ignorante não volta ao seu estado inicial depois de deixar de sê-lo e o apaixonado não consegue desapaixona-se, ela se sente ligada a ele de forma transcendental. Mas aí, no auge da paixão ela descobre as limitações do seu amado, seu compromisso legal anterior. Ela fica furiosa achando injusto ele a envolver nesta estória em que ela não pediu para estar. Eles brigam, se separam.

Depois de um tempo de solidão esclarecida o perdão é o único caminho para reconhecer e aceitar um amor como meio possível para suportar os longos anos que teremos que viver neste mundo difícil.

Não sei se todos, mas este filme de ficção não tem nada a ver com naves espaciais. ☀



DANIELA SCHLOGEL, formada em Economia, é agente cultural e militante em defesa dos Direitos Humanos. Vive em São Paulo, SP.

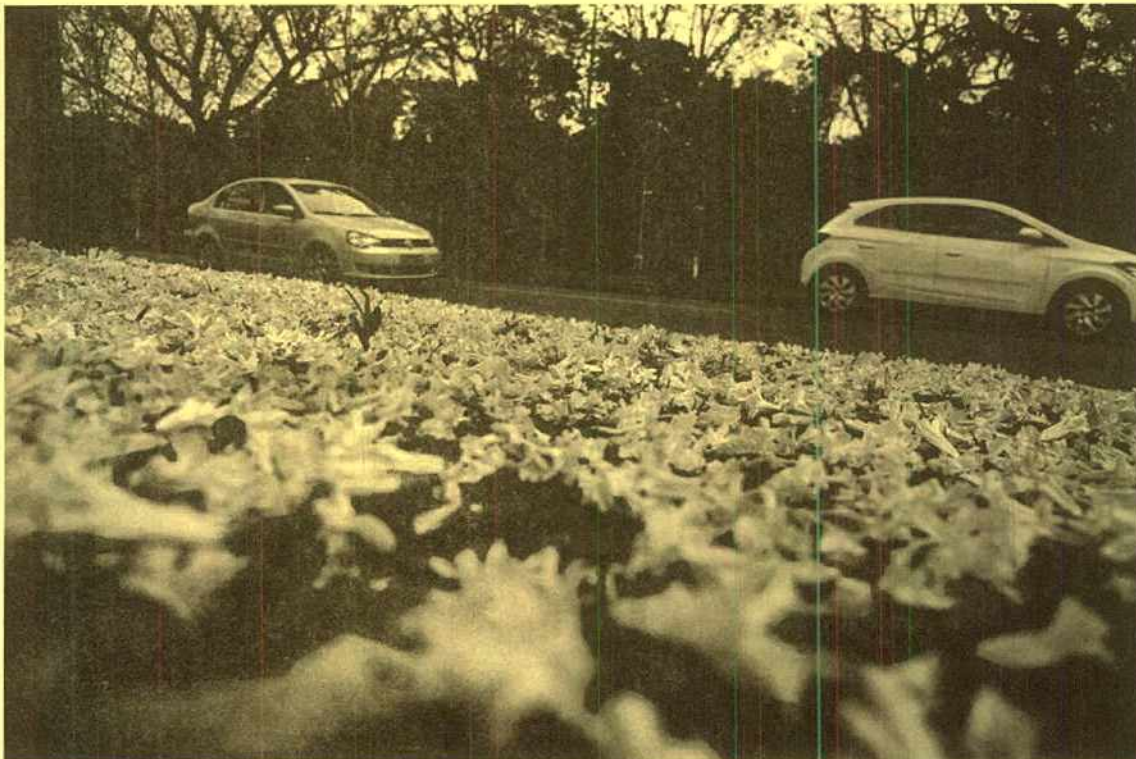


direito de culto

(Registro de manifestação das Religiões Afro-brasileiras pela Liberdade Religiosa")

Fotografias de LAYS CUNHA.
Formada em Antropologia, faz parte
do 'Ilê Asé Oju Ogun Funmilaiyó',
em Foz do Iguaçu, Pr.





primavera

Fotografia de ÁUREA CUNHA,
jornalista e fotógrafa em Foz do Iguaçu, Pr.



Virtualidade

E esse caminhar apressado.
Por esses corpos escravizados.
Movidos pela incessante busca
por felicidade.
Soterrados clicks,
curtidas,
postagens,
e-mails.

Envaideci vagarosa,
com as palavras de luta
na rua
Em movimentos discrepantes
Entre tropeços e passos de dança.

Ninguém percebeu e pouco se viu.
Mas mil vezes por dia ela delira.

■ JOSIANE BOUCINHA

Uma estante de livros, muito conhecimento
cada livro, uma história
cada história, um relato
Isso é incrível se parar pra pensar
em livro você encontra de tudo
desde uma resposta, para uma pergunta

com isso
no velho cérebro humano
algo genial é criado
com o tempo você aprende
armazena tudo já visto e falado.

Agora, uma coisa é certa
de uma pessoa pra outra
alguma coisa vai ser descoberta

■ PAULO JR.

Autocriação

no contato
com a palavra
não se alfabetiza

somente a escrita
para a leitura do mundo

dá-se,
ao sujeito,
a possibilidade
de tecer

a singularidade
do próprio percurso:

ao descobrir as janelas
o corpo esquece os muros

■ GABRIEL CORTILHO

Tempo

Depois da tempestade
ainda persiste a ameaça!
O medo massacra e espreita
sob a imposição dos trovões
e das lanças luminosas.

Que importa?
Se lançadas pelos
deuses ou pelos ossos?

A resistência ainda está lá
ainda que representada
por um urubu solo,
silencioso...

à espera dos restos mortais
daqueles
que não ousaram
a liberdade de não sucumbir
ao poder do tempo.

■ MAGBORGES

O palav



hos & ras



Devemos atuar com o coração

O mundo é gigante
Nele existem pessoas falantes,
Pessoas que amam,
Pessoas que odeiam,
E sem perder a humanidade
Devemos compreender a realidade.
Precisamos ajudar
Precisamos de empatia
Para assim melhorar
A nossa rebeldia.
Pensamos em nós,
Nosso ego é extremo
Mas pobre de nós
Porque não sabemos o que queremos.
A chuva cai em nossas cabeças
Mas ninguém age com esperteza,
Porque não estender a mão ao que precisa
Pois é como aliviar o perdão
Na hora de uma acaricia
Porque mais vale atuar com o coração
Porque a razão
Às vezes é a traição
Do ser que esta em vão

■ JULIANNA BARRETO



ALINE TORRES é professora de História na rede pública.
JOSIANE BOUCINHA é agente cultural e batuqueira.
PAULO JR. é estudante do ensino médio.
Os três vivem em Foz do Iguaçu, Pr.

JULIANNA BARRETO é jornalista e vive em Ciudad del Este, PY

GABRIEL CORTILHO é poeta e professor de História em Araraquara, SP
MAG BORGES é professora em São Luís De Montes Belos Goiás, GO.

Estamos em tempos sombrios,
Tenho sonhos nebulosos,
Onde eu não me enxergo e não vejo o outro.

O que consigo ver são apenas nuvens,
nuvens profundas na minha frente,
Repletas de fumaça.

Está tudo embassado,
Não consigo enxergar.
Não vejo ninguém,
Sigo aflita.

Começo a correr e não saio do lugar,
Tento gritar, mas nada sai da minha garganta.
Ouço uma multidão batendo os pés,
Dando a impressão de chegarem perto de mim.

Me sinto sozinha,
Perdida,
Com medo,
E nada tenho a fazer.

Com medo,
Me fecho em posição fetal e choro.
Mas esse choro não sai.
Nenhuma lágrima escorre por meus olhos.

Começo a soluçar de desespero,
Lá no fundo vejo clarear...
Quando abro os olhos, me vejo a sonhar.
Sonhar com um dia claro, chuvoso ainda,
Mas não carregado.
Quando olho pro lado são 6:20 da manhã,
O relógio desperta e já levanto cansada
Para mais um dia de trabalho.
Alguns dias tem sido assim...

■ ALINE TORRES

Falando de contos e poesias

Cuentos Brasileños, antologia com os principais escritores nacionais, fez sucesso na Argentina, 23 nos atrás.

Quinze narradores selecionados e apresentados por Affonso Romano de Sant'Anna representavam variadas correntes literárias que conviveram (ou se combateram) ao longo de sua história.

Em março de 1995 sabia-se que Clarice Lispector, Rubem Fonseca e Néida Piñon já eram lidos no país vizinho.

No extinto jornal Ponte da Amizade(*), este repórter constatava: havia mais escolas provinciais ensinando o português do que os estados brasileiros aprendendo espanhol.

Aquela antologia de contos, com 188 páginas, saiu pela editora chilena Andrés Bello. Até então, a narrativa brasileira ocupava um espaço menor nos catálogos de edição de língua espanhola, apesar da riqueza e variedade desenvolvidas até os anos 1990 do século passado.

A publicação foi lançada no período em que não eram tão divulgados na Argentina os contistas Ivan Ângelo, Domingos Pellegrini e Lygia Fagundes Telles, por exemplo.

"Só Jorge Amado escapou do injusto destino de ignorância a que está relegada a narrativa brasileira na

América do Sul", analisava Sérgio Olguin, do jornal Página/12, de Buenos Aires, crente numa abertura literária também no âmbito do Mercosul.

Aos jovens: em 2007, o maranhense José Ribamar Ferreira, o notável e saudoso Ferreira Gullar, foi curador de uma exposição sobre Clarice Lispector, no Museu da Língua Portuguesa, e torná-la mais fácil de entender.

Releu as obras da autora, destacando frases que lhe pareciam reveladoras da beleza de sua literatura e também de sua inconformação com os limites da expressão.

"Ela deixa claro que o mistério da existência é intraduzível em palavras e, se traduzido fosse, deixaria de ser mistério", afirmava Gullar.

A existência de maior número de editoras, não significa mais oportunidades para jovens escritores brasileiros, ele explicava. "Principalmente no campo poético, onde faltam atenção e divulgação de jovens autores", dizia.

O incentivo aos jovens esbarrava na falta de uma política para a cultural geral. "Essa molecada tem que escrever e ter a sua publicação divulgada. Se vai ser bom ou ruim, só saberemos lendo", ele alertava.

Pois assim é, e me parece que a revista Escrita tem muito a ver com e exportação do que melhor se produz na literatura das Três Fronteiras e no restante do País. *



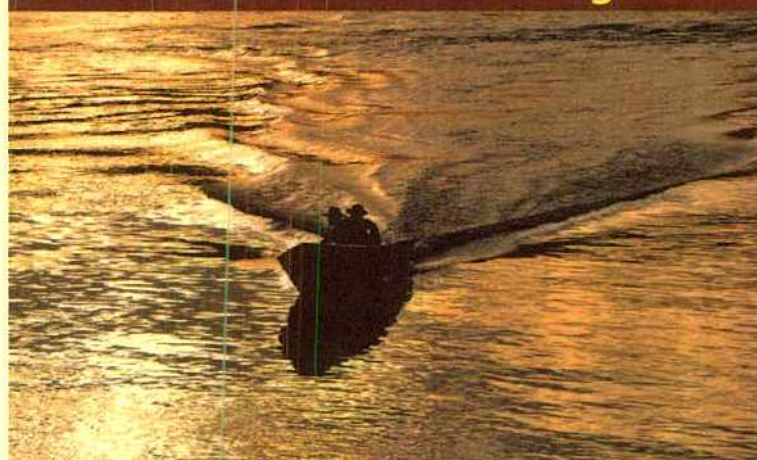
MONTEZUMA CRUZ, jornalista em Porto Velho, RO.

(*) Em 1995, o repórter trabalhava na sucursal da Folha de Londrina em Foz do Iguaçu. 'Ponte da Amizade' era um jornal produzido por aquela sucursal.



Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / 3028.7176
graficaidealfoz@gmail.com
www.graficaidealfoz.com.br

Áurea Cunha
fotografias



Retratos - Reportagens - Publicidade
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br



Bibliodiversidade garantida.
Mais de 50.000 livros em todas
as áreas de conhecimento.

Rua Almirante Barroso, 1473
(45) 3523-4606

- . Direito
- . Economia
- . Administração
- . Medicina
- . Psicologia
- . Ciências Humanas
- . Ciências Exatas
- . Línguas



DGIFOZ
COMUNICAÇÃO VISUAL

(45) 3027-0003
www.dgifofoz.com.br

ITAMED. QUEM TEM, INDICA E FICA BEM.

ANS - N 31.135-9



ACADA
NOVA
ADESÃO

10%
DE DESCONTO
NA MENSALIDADE*

PARA QUEM INDICA
E PARA QUEM É INDICADO!

ATÉ 30% NO PLANO FAMILIAR
MAIS CARÊNCIA ZERO EM CONSULTAS
E EXAMES PARA O INDICADO**

**E ATÉ 15% NOS PLANOS
COLETIVOS E EMPRESARIAIS.**

SAIBA COMO APROVEITAR A PROMOÇÃO:
itamed.com.br
FOZ DO IGUAÇU (45) 3576 8005



ITAMED

Plano de Saúde do
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

**MAIOR E MELHOR HOSPITAL DA REGIÃO | REFERÊNCIA EM ALTA COMPLEXIDADE CENTRO CLÍNICO
E AMPLA REDE DE ESPECIALISTAS | ATENDIMENTO PEDIÁTRICO 24H**

* COMO FUNCIONA - Para quem indica: desconto de 10% na mensalidade subsequente, a cada indicação efetivada, até 30% de desconto (ou seja, caso efetivados 3 ou mais contratos, independentemente do número de beneficiários, sendo 10% em cada próxima mensalidade, por, no máximo, 3 meses). Desconto válido para beneficiários dos Planos Presença Física e para Planos Presença Jurídica, quem indica ganha brindes especiais. Para o indicado: carência zero em consultas e exames de laboratório e desconto de 10% na primeira mensalidade ou 10% de descontos progressivos de até 30% no valor do Plano Familiar, conforme a quantidade de dependentes inscritos; e até 15% no Plano Empresarial para empresas associadas à ACIFI ou Sindimil. Como indicar: ligue (45) 3576 8005 e escolha a opção 1, ou acesse o site e indique os nomes e telefones dos seus amigos que o Itamed entra em contato com eles. Consulte área de abrangência e outras condições no regulamento completo em www.itamed.com.br/vouindicar. Promoção válida para contratos efetivados até 30/10/2018.